> O olhar feminino na série *The Handmaid's Tale* (2017)

> The female gaze in the series *The Handmaid's Tale* (2017)

por Aline Cristina da Silva

Graduanda em Letras Inglês na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: a.line.silva@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-2140-7075.

por Renata Gonçalves Gomes

Professora Doutora em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: gomex10@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-8593-5088.

por Sarah Ellen Nardino Linhares

Graduanda em Letras Inglês na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: sarahellenlinhares@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2702-2712.

Resumo

O propósito deste artigo é analisar o olhar feminino através da narração e do *mis-en-scène* da série *The Handmaid's Tale*, em português, *O Conto da Aia* (2017). A série se passa em uma sociedade distópica, regida à base da teonomia totalitária e fundamentalista cristã. As mulheres dessa sociedade perderam suas vozes, são desumanizadas, devido ao seu gênero, e tornadas objetos férteis nas mãos de seus comandadores; a narrativa e o desenvolvimento das personagens fazem alusão ao empoderamento feminino e suas lutas pelos direitos civis que vêm acontecendo desde o fim século XIX. A busca por suas vozes torna-se evidente a partir da narração que ajuda a compreender a representatividade da mulher na série.

Palavras-chave: *The Handmaid's Tale*. Feminismo. Identidade. Narrativa. Série.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the feminine gaze through the narration and *mis-en-scène* of *The Handmaid's Tale* series, in Portuguese, *O Conto da Aia* (2017). The series takes place in a dystopian society governed by a totalitarian and fundamentalist Christian theonomy. The women of this society have lost their voices; they are dehumanized by their gender and turned into fertile objects at the hands of their commanders; the narrative and the development of the characters allude to women's empowerment and their civil rights struggles that have been going on since the late nineteenth century. The search for their voices is increasingly strong thanks to the narration that helps to understand the woman's representativeness in the series.

Keywords: *The Handmaid's Tale*. Feminism. Identity. Narrative. TV Series.

> Artigo recebido em 03.08.2018 e aceito em 10.01.2019

Uma das mais proeminentes escritoras modernistas do final do século XIX e início do século XX foi Virginia Woolf, que desempenhou papel fundamental na escrita feminina. Em um dos seus livros, *A Marca na Parede e Outros Contos*, publicado em 1917, Woolf diz que “[o]s olhos dos outros são prisões, os pensamentos deles nossas celas.”¹. Mesmo sendo apresentado em um conto em que a realidade é tão diferente da apresentada na série *The Handmaid's Tale*, Woolf expressa, de uma forma distinta, a condição das mulheres que vivem na república de Gileade. Uma sociedade teocrática totalitária onde se é refém da visão e dos pensamentos de um pequeno grupo de pessoas que não representam as diferentes mulheres que foram submetidas a essa realidade. As mulheres são prisioneiras dos olhos e das mentes de seus comendadores, das suas esposas, do constante estado de medo em que vivem. Sendo assim, este artigo foi pensado a partir desse conceito de supressão de pontos de vista elaborado por Woolf no conto *Um romance não escrito* (2015) para analisar a série *The Handmaid's Tale*, adaptada do romance homônimo de Margaret Atwood, publicado em 1985.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo analisar e explorar o olhar feminino através da narração da série e do *mise-en-scène* da série *The Handmaid's Tale*, em português, *O Conto da Aia* (2017). Além disso, busca-se analisar a série, que foi produzida pela plataforma de streaming *Hulu*, a partir de uma perspectiva do feminismo interseccional. Tanto o olhar feminino como as questões do feminismo na série estão diretamente conectados com a sociedade moderna que reproduz discursos de ódio frente à mulher como gênero e ao feminismo. Dessa forma, essa pesquisa fará uma análise historiográfica e sociológica do olhar feminino ao levar em consideração aspectos contextuais que as mulheres enfrentam nas sociedades ocidentais.

The Handmaid's Tale foi escrito por Margaret Eleanor Atwood que é uma poeta, escritora e ativista cultural canadense que nasceu em 1939. Desde muito cedo, Atwood produzia história em quadrinhos e poemas. Atualmente, suas

¹ Virginia Woolf. *A Marca na Parede e Outros Contos*, 2015, p.49.

obras publicadas são reconhecidas mundialmente, com seus mais de 55 prêmios. A base dessa pesquisa foi publicada no Canadá em 1985 pela editora McClelland and Stewart. Esse trabalho, assim como sua adaptação, contém temas como a busca pela identidade, um dos grandes dilemas existenciais da modernidade, e sua influência diante de uma sociedade patriarcal.

The Handmaid's Tale é fruto de uma onda de subgêneros feministas que por muito tempo já estavam sendo escritos na América do Norte, as utopias e as distopias, de acordo com Stillman e Johnson:

Este subgênero, rejuvenescido no início dos anos setenta, com o movimento de liberação feminina, inclui obras como *O homem feminino*, de Joanna Russ, *O despossuído*, de Ursula Le Guin, e *Mulher à beira do tempo*, de Marge Piercy.²

É relevante lembrar que a autora também trabalhou como produtora da série, além de fazer uma breve atuação no primeiro episódio. Alguns episódios são dirigidos por Reed Morano, ela conduz essa série a partir de suas perspectivas femininas, então a forma como é feita cada parte da série é meticulosamente pensado por mulheres. Em uma indústria majoritariamente masculina, a visão feminina na adaptação de um livro também escrito por uma mulher traz uma força e uma verdade muito maior à história. Isso acontece porque, sendo uma equipe de mulheres, a identificação com a situação vivida pelas personagens é naturalmente maior e o produto final se torna mais realista. A série conta com a visão feminina não só em sua narrativa, mas também em sua produção, criando, assim, um elo forte entre a realidade e a ficção, explorando ao máximo pontos como o papel da mulher na sociedade, sexualidade, patriarcado, representatividade feminina, o direito de escolha e liberdade, governos totalitários e o futuro da humanidade. A partir disso, o espectador vê uma

² "This subgenre, rejuvenated in the early seventies with women's liberation movement, includes works such as Joanna Russ's *The Female Man*, Ursula Le Guin's *The Dispossessed*, and Marge Piercy's *Woman on the Edge of Time*." Peter G. Stillman, S. Anne Johnson. *Identity, Complicity, and Resistance in The Handmaid's Tale*, 1994, p. 70. Tradução nossa.

apresentação realista de como as mulheres se sentiriam se fossem colocadas diante de uma situação como a apresentada na série.

O sucesso de *The Handmaid's Tale* advindo de tantos prêmios da Academia de Artes e Ciências Televisas como o Emmy do Primetime, em que foi considerada a melhor série dramática de 2017, e o Globo de Ouro, em que foi contemplada como melhor série dramática de TV de 2018, foi rapidamente reconhecido em todas as mídias sociais, muitas pessoas postaram vídeos e comentários sobre a série em redes sociais desvendando os mistérios da sociedade descrita na série. Para se entender o contexto real de *The Handmaid's Tale*, é necessário clarificar a ideia de distopia. Segundo Živić (2014), o termo distopia tem origem no século XX, no chamado período pós-guerra em que as pessoas que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial haviam perdido suas esperanças de uma sociedade melhor e começaram a imaginar um mundo de diferentes formas: uns imaginavam um mundo com novos ideais, onde a vida pudesse ser menos amarga e cruel, enquanto outros só imaginavam um mundo onde a destruição e o caos teriam tomado conta. Distopia é o antônimo de utopia, enquanto o mundo utópico é um mundo ideal para se viver, o mundo distópico é opressor, totalitarista e autoritarista, tomando controle de toda a sociedade.

A obra em análise retrata uma sociedade distópica que vive sobre base da teonomia (forma de governo guiada por leis divinas) totalitária fundamentalista cristã que uma vez derrubara o governo estadunidense de seu pleno poder. Ela mostra um colapso de infertilidade nos Estados Unidos, o que gera um complô político. O resultado é a extinção do país que se torna, após incentivas militarmente armadas, a República de Gileade, um regime totalitário de cunho cristão onde as mulheres dentro desse novo regime são socialmente rebaixadas e não podem mais trabalhar, expressar suas opiniões ou fazerem escolhas em suas vidas. Divididas em gêneros e classes, as mulheres férteis são designadas *handmaids*³ e têm como objetivo de vida apenas gerarem filhos para a família de

³ Optamos pelo uso de *handmaids*, em inglês, pois assim nos mantemos fiéis ao nome dado às mulheres pela autora.

seus comendadores, evitando, assim, que a humanidade acabe extinta. Tanto o livro quanto a série (que em 2018 ainda está em seu desenrolar) são obras extremamente atuais. Em ambas, é fácil correlacionar a realidade apresentada nessa sociedade distópica com a realidade em que vivemos. Por exemplo, a forma com que as personagens mulheres são tratadas e como os homens têm cargos superiores às mulheres na série demonstram como as mulheres são subestimadas e violentadas no contexto em que vivem.

As personagens das *handmaids* sofrem um processo de perda de identidade quando estão inseridas na nova sociedade, uma vez que são vistas como instrumentos para possibilitar o nascimento de crianças. Nessa nova comunidade, elas perdem suas vozes e são desumanizadas por serem mulheres. Suas opiniões não têm importância e elas devem renegar suas antigas opiniões. Independentemente de suas crenças e opiniões passadas, as mulheres na sociedade de Gileade devem responder aos seus comendadores e serem úteis, gerando seus filhos, como exemplificado por Stillman e Johnson (1994):

Em Gileade, a formação da identidade pessoal e as relações intersubjetivas são tão enfraquecidas, degradadas e rebaixadas que os modos de dominação e controle – de força física, poder político, conflito de interesses pessoais e controle intrapsíquico – são internalizados por aqueles que são sujeitos ao regime.⁴

Offred, a narradora da série, mostra, muitas vezes, que se sente perdida não sabendo mais quem ela é e irritada pela situação que ela está vivendo (ver figuras 1). Por isso, ela precisa se agarrar a antigas memórias de sua vida antes de Gileade para se manter sã. Tratadas como mulheres sem personalidade e opiniões, as *handmaids* vão pouco a pouco perdendo suas identidades e sentem a necessidade de fazer esse resgate da sua individualidade. Somente ao retomarem suas identidades e ao acrescentarem a elas novos traços é que as *handmaids* se sentem fortes o bastante para refutarem e desafiarem suas condições.

⁴ “In Gilead, the modes of personal identity formation and intersubjective relations are so weakened, degraded, and debased that the modes of domination and control-of physical force, political power, conflicting individual interests, and intrapsychic control-are internalized by those who are subjected to the regime.” Ibidem, p. 75. Tradução nossa.

Figura 1
Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017.

O empoderamento que as personagens femininas da série aos poucos retomam faz alusão à história do feminismo. O processo de empoderamento das mulheres e das lutas por seus direitos civis teve início no fim do século XIX, conhecida como a primeira onda do feminismo, e continua até o presente momento. Porém, sabe-se que, desde a Pré-História, antes mesmo da invenção da escrita, a mulher era subestimada estruturalmente, pois, por exemplo, apenas o homem manipulava a pedra lascada e, depois, o fogo. Com a invenção da escrita, surgiram os filósofos e os escritores pioneiros que, quando não descartavam a mulher de suas obras, as reduziam à poeira. De acordo com Azevedo:

A história contada por homens ainda nos é apresentada sem uma versão de totalidade. Em verdade, não temos uma ideia completa dos homens. E, em relação às mulheres de quem se falou, infinitamente menos? Trata-se de uma visualidade turva, sem contorno e fora de uma visão profunda. Apesar de toda a pesquisa atual sobre a história da humanidade, a história das mulheres não será mais que sombras imprecisas, sem profundidade. Ora, a escrita é masculina e tudo oficial é masculino. O mundo visível é

igualmente masculino e o resto encontra-se escondido. A presença feminina, quando inevitável, destacou-se apenas simbolicamente.⁵

Em consequência dessa visão turva em relação às mulheres, durante muito tempo, elas não tiveram seus direitos e nem sua visibilidade. Na literatura, a escrita feminina, quando sobreviveu, foi publicada escondida sob codinomes masculinos, pois assim a obra poderia ter o reconhecimento como tal, afinal apenas os homens eram os símbolos de poder e precisão. Em língua inglesa, autoras como George Eliot, as irmãs Brontë e até autoras contemporâneas como J.K. Rowling e Nora Roberts são exemplos da invisibilidade da autoria feminina na literatura.

Para além da literatura, é relevante que seja mencionado que a condição feminina varia de acordo com identidades cruzadas, o que autoras feministas da segunda onda chamam de interseccionalidade.⁶ Por isso, a mulher branca, por exemplo, diferencia-se da mulher negra no que concerne às suas existências em locais determinados – norte ou sul do mundo. O feminismo da primeira onda lutava por uma agenda política da mulher branca, como o direito ao voto ou à propriedade. Mulheres negras, como Sojourner Truth, ex-escravas e trabalhadoras, não tinham direito a sequer serem mulheres. Em seu aclamado discurso “E não sou uma mulher?”, de meados do século XIX, Truth diz:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para

⁵ Sílvia Régia Martins de Azevedo. *Memória e identidade em The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood, 2015.

⁶ Dentre as autoras da segunda onda do feminismo que trabalham com o conceito de interseccionalidade estão: Angela Davis, Patricia Hill Collins, Alice Walker, Bell Hooks, Gloria Anzaldúa, entre outras.

a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?⁷

Nesse sentido, compreende-se que não há homogeneidade de discursos ou de olhares femininos. Isso porque tal olhar — assim como os feminismos — é construído a partir de identidades que partem de vivências e lugares de fala distintos⁸. Não havia, no caso de Truth, ou das mulheres negras estadunidenses do século XIX, a identificação com o ideal de feminino ou de feminilidade. Ou seja, a mulher negra do século XIX não tinha os mesmos direitos da mulher branca, por exemplo. A segunda onda do feminismo e principalmente a terceira têm mais ênfase na interseccionalidade de vozes e olhares femininos, ou seja, de identidades. Identidades de raça, classe, nacionalidade e sexualidade atravessam a identidade de gênero. Nesse artigo, entende-se que a identidade de gênero é a espinha dorsal para compreendermos o olhar feminino das personagens da série. Mas é importante reforçar que essa identidade de gênero — o feminino — é atravessada por outras, como as de classe e raça. Desse modo, ao pensar sobre o olhar feminino na série *The Handmaid's Tale*, entende-se que tal olhar reflete uma perspectiva de uma personagem que pertence a um grupo específico de mulheres, no caso de Offred, uma mulher branca, de boa classe social, mãe e com alta escolaridade. Ademais, Offred se mostra engajada na sociedade e com vasto conhecimento de movimentos, como o feminismo, e de sua condição como mulher no mundo moderno. Dessa forma, a personagem compreende as lutas, os desafios e a sobrecarga da mulher na sociedade, antes mesmo de ser inserida na república de Gileade.

Outro artifício usado para desestabilizar a identidade das mulheres na série é a vergonha de suas vidas passadas e de suas velhas escolhas. Elas sofrem uma espécie de lavagem cerebral assim que são “acolhidas” na agora República

⁷ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 19 de agosto de 2018.

⁸ Para uma maior compreensão do debate contemporâneo sobre lugar de fala a partir de uma perspectiva do feminismo interseccional, recomendamos a leitura do livro *O que é lugar de fala?* (2017), da filósofa brasileira Djamila Ribeiro. Nessa obra, Ribeiro desenvolve o conceito de lugar de fala a partir de uma epistemologia feminista e negra, fazendo uma revisão da crítica a partir de autoras como Patricia Hill Collins, Bel Hooks, Sojourner Truth, entre outras.

de Gileade. Suas identidades devem ser deixadas para trás e devem se comportar da forma como seus superiores as orientam e pontuam como correta. Eles atribuem muitos dos *males* que atingiram o mundo moderno a comportamentos femininos considerados por eles libertinos, comportamentos que, na realidade, são completamente naturais a muitas mulheres.

Offred, como narradora, é um ponto de referência para expressar os sentimentos de todas as *handmaids*, mas muitas sofrem horrores muito maiores que o dela, esse horror ao ver outras mulheres sofrerem que faz com que Offred se sinta tão desconfortável com a realidade dela e das outras mulheres que a cercam. A série representa mulheres de diferentes identidades, tem personagens homossexuais, de diferentes raças e de diferentes classes sociais. Todas as mulheres são, de alguma forma, reprimidas dentro desses grupos pelas identidades que elas tinham antes de Gileade.

Exemplo disso é Ofglen, uma das personagens que fazem parte do círculo de Offred. Essa personagem é conhecida em Gileade como “traidora do gênero” (esse termo, na República de Gileade, faz memória e referência à homossexualidade) e sabe informações sobre um movimento de resistência chamado *MayDay*, grupo secreto que resiste à violência dos governadores de Gileade. Ofglen, que é homossexual, sofre, no terceiro episódio da série, um processo de mutilação genital chamado *redenção* como penalidade por manter relações sexuais com outra mulher em Gileade. Sua penalidade não é a morte, pois ainda deve servir como uma *handmaid*, mas sua identidade é reprimida e destruída. A relação entre Ofglen e Offred é um importante ponto da narrativa, pois é através da amizade entre as duas que Offred vê que existem outras mulheres que também não querem aceitar a situação perturbadora ao qual estão submetidas. Muitas das personagens nem mesmo apresentam forças para lutar contra a situação a que estão submetidas e acabam cedendo aos ideais dos governantes de Gileade, perdendo assim, suas identidades e sua empatia em relação às outras mulheres que as cercam.

Ao contrário das grandes franquias de filmes e séries distópicas atuais, como o sucesso de público Jogos Vorazes (*The Hunger Games*), 2010, em que o futuro é apresentado como algo extremamente distante, espalhafatoso e caricatamente futurista, *The Handmaid's Tale* (1985) impressiona por sua simplicidade. A narrativa é direta e precisa. Offred revela seus medos, seus impulsos e sua própria interpretação daquela sociedade onde não tem direito de opinar e de se expressar, aproximando, assim, o espectador. Na série, não vemos cores fortes ou figurinos marcantes, por exemplo. Eles são contidos e sempre se faz o uso de cores primárias e de cortes discretos. Essas cores e esses elementos naturais do dia a dia são apresentados nas cenas sem nenhum traço que as tornem singulares ou excêntricos, passando até mesmo uma ideia de normalidade forçada naquela sociedade corrompida por valores distorcidos (ver figura 2). A conexão com o exato momento em que a sociedade distópica vive na série se dá por meio de cenas em *flashbacks*, que poderiam ter sido retiradas de qualquer telejornal do ano de 2017, que relatam tragédias relacionadas às mulheres, principalmente em países como a Índia, onde as mulheres sofrem com perseguição e não têm direitos, fato que apura a sensação de emergência que fica pendente no ar durante todos os aproximadamente 50 minutos de qualquer um dos episódios. A representação do sentimento emergente visto através das expressões faciais, da narração e dos personagens é tendencialmente natural, como o sentimento de sofrimento, angústia e exaustão emocional transmitidos pela série no episódio 3. Durante um de seus momentos introspectivos, no então episódio, Offred diz “Em uma banheira que está gradualmente esquentando você seria queimado até a morte antes mesmo de perceber.”⁹ (Ver figuras 3 e 4). Nessa fala de Offred, é possível ver como a violência, assim como muitas outras características da série, muitas vezes se mostra contida e velada, mas está sempre de uma forma ou de outra acontecendo. É possível senti-la nos pequenos detalhes do dia a dia das *handmaids*, na forma como são tratadas ou como devem se portar.

⁹ Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017. Tradução nossa.

Figura 2
Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017

Figura 3
Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017.

Figura 4
Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017.

O recurso da narração na série é relevante, pois a torna intimista. A personagem protagoniza as cenas de amargura e de dor em perder sua vida normal, o que automaticamente a torna testemunha de todos os fatos que lhe ocorreram. Ela demonstra domínio e familiaridade do que lembra e conta, de acordo com Hayward:

[P]rincipalmente, o cinema narrativo é aquele que usa essas estratégias como meio de reprodução do mundo 'real', em que o espectador pode tanto se identificar ou considerar estar dentro do reino de possibilidades.¹⁰

Esse domínio que ela demonstra é um recurso narrativo do cinema para demonstrar o mundo *real* dela. Muitas das vezes, ela parece estar conversando com alguém próximo a ela, que a pode entender ou ao menos compreender sua dor. Por outro ângulo, também se pode interpretar como se pudéssemos, ao escutá-la, ler sua mente e tudo aquilo que pensa; trata-se da onisciência seletiva múltipla descrita por Leite, o narrador-protagonista deixa de ser o narrador e a história rebate de frente com o leitor, remetendo as memórias e as profundezas

¹⁰ "Primarily, narrative cinema is one that uses the strategies as a means of reproducing the 'real' world, one which the spectator can either identify with or consider to be within the realms of possibility." Susan Hayward. *Cinema studies: The key concept*, p.256, 2001.

da mente do personagem. Para Leite¹¹, esse processo de predominância de cena é chamado de estilo indireto livre em que a cena está estritamente ligada à representação da mente do personagem. Essa narração é um recurso para atrair o olhar de quem lê para a protagonista, a fim de entender o porquê de seu esforço abrupto para não esquecer a vida passada. De acordo com Leite (2002, p. 80), algumas histórias são construídas com narrativa em *flashback* para que o leitor tenha acesso a como era a vida do personagem e o que ele é até aquele momento onde está parado pensando. O espectador vê todas as situações pelas quais Offred passa e compara ao mundo que antes ela vivia, e pode entender o quão grande é a sua aflição. A perda de alguém que ela amava é um ponto marcante e, talvez, a âncora para a própria mente dela não se deixar desviar de um foco de um dia encontrá-lo.

Offred é a narradora e a protagonista da obra, entendemo-la como uma personagem redonda conforme as ideias de Forster (1927) e que está em conflito durante toda a história. Ela está envolvida e engajada nas diferentes causas da sociedade onde vive, representando-a de forma ampla e clara. A personagem se mostra inteligente nos momentos em que conflita a realidade distópica, pois ela entende e percebe que aquela sociedade é diferente e não a permite demonstrar sua verdadeira identidade. Não se pode considerá-la como uma heroína ou como uma ativista feminista, mas entende-se que é obrigada a conter o que sente e entende para assumir as características das *handmaids*. A protagonista representa a mulher *real* a partir de como se defronta com a condição atual ao seu redor. É durante a narração que compreende o que está passando, durante a fala, esclarece muitas coisas ao telespectador e, assim, esclarece si mesma. O espectador vive junto da narradora e, assim, entende a intensidade das experiências que a personagem vive, pois ele se torna parte dessa realidade. Offred representa de forma clara suas emoções e nos permite ver o que ela sente.

¹¹ Lígia Chiappini Moraes Leite. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*, 2002, p.48.

Durante a narração, ela se apresenta um solilóquio, pois verbaliza sua consciência para o telespectador.

Em nenhum momento, a protagonista é apresentada como uma mulher sem defeitos ou pecados ao contrário da falsa imagem imaculada que a nova sociedade americana procura passar através das *handmaids*. Ela não pode assumir sua real identidade, pois está presa nas condições da sociedade em que vive, em suas regras e suas limitações. Como *handmaid*, não pode expressar claramente suas opiniões ou indignações perante às situações as quais têm de viver. No entanto, durante toda a série, nos *flashbacks* e nos momentos em que Offred narra sua situação, a narração parece uma conversa consigo mesma. Em uma forma de se manter sã, a personagem nos mostra seu olhar em relação ao mundo que a cerca e sua visão sobre essa realidade. É o olhar de uma mulher normal, não de heroína, é a mais honesta visão feminina daquela sociedade. Mesmo sendo uma personagem extremamente real com defeitos, qualidades e diferentes dimensões, ela representa perfeitamente todas as outras personagens femininas da série e o olhar feminino em relação à situação a que essas mulheres são submetidas.

O modo como o dia a dia na república de Gileade é mostrado ao telespectador também é importante para a compreensão do personagem de Offred e de todas as outras *handmaids*. Conhecemos essa sociedade da forma que elas a enxergam, através de suas experiências. Vê-se a violência extrema em relação à desobediência, a forma como qualquer indício de revolta é fortemente impedido e como de todas as formas, em ações pequenas ou grandiosas, procura-se extinguir a identidade dessas mulheres, suas vontades e seus desejos. A sociedade as oprime de todas as formas, seja afirmando que está fazendo aquilo por um bem maior ou revelando seus motivos mais mesquinhos. As mulheres conseguem entender que, para os comendadores e chefes, são apenas um meio para um fim e não protagonistas de suas próprias vidas. Ao ver o passado das personagens, podemos observar que todas tinham opiniões fortes e uma visão de escolha e modernidade de mulheres independentes e esclarecidas que confronta

a visão da teonomia cristã. A narrativa de Offred durante os episódios evidencia a identidade da personagem, possibilita uma identificação por quem está assistindo e ajuda a tornar as situações que a personagem está vivendo mais próximas das situações da vida real do telespectador. Apesar de por muitas vezes parecer um futuro muito distante, a série consegue fazer uma conexão com a realidade gerando uma identificação com a personagem, pois se trata de uma narrativa em que o narrador é o protagonista e “[n]arra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”¹².

A série apresenta cenas nas quais podemos ver que as *handmaids* são obstruídas do direito de terem o poder do diálogo. Logo de início, no segundo episódio, Offred (personagem principal) é desprezada pela mulher do seu comendador, que usa de diversas palavras de baixo calão para profundamente desmerecê-la sem nenhum motivo aparente, apenas o motivo de não estar gestante. Frente à sociedade do século XXI, podemos observar uma perturbadora afinidade em que o desmerecimento, o desprezo e a inferiorização partem de uma sociedade patriarcal, tradicionalista, machista e normativa que pune suas mulheres por não cumprirem com seu *dever de mulher*, por exemplo, conceberem um filho à humanidade, não limparem a casa ou mesmo não cumprirem com as *ordens* de seus cônjuges.

A descaracterização das *handmaids* começa já em seus nomes. O prefixo *Of* em inglês tem ideia de pertencimento. Offred, por exemplo, é pertencente a Fred Waterford, Ofwarren é de Warren e Ofglen é de Glen. Esse é mais um artifício que traz a alegoria de inferioridade, pois, além de perderem tudo das suas vidas passadas, também perdem seus nomes que demonstram o quanto suas identidades foram ofuscadas. No primeiro episódio, Offred revela o nome dela ao

¹² Lígia Chiappini Moraes Leite. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*, 2002.

telespectador, logo quando decide resistir a esse sistema e, assim, descobrimos que antes desse regime totalitário ela se chamava June.

O grupo de *handmaids* é composto por diferentes mulheres com diferentes identidades, por isso lidam de diferentes formas com essa nova realidade. Algumas personagens como Ofwarren, que a princípio tinha completa aversão à ideia de ser uma *handmaid*, acabou sendo coagida pelos rumos que tomou sua vida ao se tornar uma. Essa personagem foi uma das *handmaids* que conseguiu engravidar e isso mudou completamente sua situação em Gileade. Durante a gravidez, foi tratada muito bem, tendo todas suas necessidades atendidas, porém, assim que ela deu à luz, pouco a pouco a personagem foi entendendo que seu trabalho tinha acabado e agora seria descartada. Oscilações, como a descrita anteriormente, causaram grandes danos em sua saúde emocional, a personagem perdeu completamente a noção de si mesma e de sua identidade, e se transformou no que esperavam dela e durante toda a sua trajetória foi manipulada dentro das situações em que viveu.

Na série, observa-se que todas as mulheres de alguma forma são manipuladas e oprimidas dentro de seus próprios círculos sociais ou dentro de suas próprias casas. Nem mesmo as mulheres dos comendadores são alheias à opressão e à perda de identidade. No decorrer dos episódios, através dos *flashbacks*, nota-se que a personagem de Serena Joy, mulher do comendador, ao qual Offred deve responder, foi uma das idealizadoras do golpe que trouxe a República de Gileade à tona. Porém, após o golpe, ela passa a ter pouquíssima influência em Gileade, seu trabalho agora é apenas possibilitar que tudo ocorra da melhor forma possível durante o processo de gravidez de Offred. Sua vida gira em torno da ideia de repovoar a civilização, nenhum de seus ideais, nem sua voz, importam ou têm mais significância alguma. Apenas o fato de ser mulher nessa nova organização social independente de seu passado não a garante direito nenhum de voz ativa, todas as personagens femininas presentes na série têm de uma forma ou de outra sua identidade reprimida.

A mulher em *The Handmaid's Tale* é conhecida por ser inferior ao homem e de se tornar um objeto em suas mãos. Muitas das vezes, a sociedade extremista em que vive a silencia e a manipula. Offred foi estuprada por Nick Blaine, um dos guardiões do comandante e de Serena Joy, a mando da senhora Waterford, que acha que seu comandante é infértil, e, nessa ocasião, ambos passam a ter sentimentos um pelo outro. Após alguns desdobramentos, Offred descobre estar gestante de Nick e vai até seu quarto, se despe e o domina. Essa cena fez com que os espectadores entendessem o quão grande e forte é o empoderamento feminino, pois a protagonista que é uma *handmaid* tomou conta de seu próprio corpo e de suas próprias vontades. A capacidade de uma mulher confrontar as leis que são a ela estabelecidas é muito grande e pode-se ver isso durante essa cena. A mulher na República de Gileade deve se abster do que gosta e do que era e a sociedade decide o que ela pode ver, sentir e ser. Porém, Offred demonstra que a pode romper com essas barreiras que a sociedade impõe, mesmo que momentaneamente, para que possa se agarrar a sua verdadeira identidade e fazer tudo aquilo que gostaria de fazer.

Figura 5
Bruce Miller, *The Handmaid's Tale*, 2017.

Após o episódio 3, em que Offred é diminuída à poeira dos pés da mulher do seu comendador, ao partirem de uma suposição de que Offred poderia estar gestante, os tratamentos e os cuidados são elevados a outro nível, pois o desejo da mulher está a 9 meses de se tornar real, e, em resposta a isso, Offred é contemplada com um farto almoço. Partindo de uma visão observadora, as *handmaids* não são vistas como indivíduos, são meros objetos copuladores prestes a darem à luz: o sonho de outra mulher. Quando não estão a cumprir com seus deveres de objetos, as *handmaids* são punidas e, quando cumprem com o que são obrigadas, têm vários deleites e recompensas. Essa concepção de *olho por olho, dente por dente* se aplica à sociedade atual visto que muitas mulheres que tendem a ter visões diferentes de mundo quando obrigadas a algo e rejeitam, recebem punição. Na sociedade atual, é comum observarmos muitas mulheres que, para não serem tratadas como sobejo, respondem o desejado perante uma ordem, pois, quando não atendem ao exato pedido de alguém, muitas vezes se tornam vítimas de violências extremas que são cometidas por despejo de ódio.

O olhar feminino é construído a partir de uma perspectiva feminista, em que a personagem feminina causa empatia a quem assiste a série, pois não é uma personagem perfeita, uma heroína ou mártir, é uma mulher com opiniões, medos e desejos que são explorados de diferentes ângulos durante toda a série. No ano de 2018, a segunda temporada da série estreou e agora as personagens femininas buscam suas vozes dentro dessa sociedade. Elas continuam tentando salvar suas identidades anteriores e também tentando entender melhor a nova identidade que surgiu diante dessa nova organização social. A série caminha para uma discussão ainda maior sobre as relações de poder entre homens e mulheres e o papel feminino em Gileade. Esse artigo tem contribuições para as áreas de literatura, estudos de adaptação e teoria da narrativa já que o foco do trabalho é compreender como a narrativa ajuda a representar a figura da mulher dentro da série.

Referências

- ATWOOD, M. *O conto da aia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 368 p.
- AZEVEDO, S. R. M. *Memória e identidade em The Handmaid's Tale de Margaret Atwood*. 2015. 100f. Dissertação (Mestrado) Programa de Mestrado Acadêmico em Letras. Universidade Estadual do Piauí, 2015.
- COLLINS, S. *Jogos Vorazes*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 400 p.
- FORSTER, E. M. *Aspects of the novel*. United Kingdom: Cambridge, 1927. 224 p.
- GELEDES. *Sojourner Truth*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 19 agosto 2018.
- HAYWARD, S. *Cinema studies: The key concepts*. 2ed. London: Routledge. 2001, 528 p.
- MILLER, B. *The Handmaid's Tale* (série the TV baseada no romance de Margaret Atwood). Hulu, 2017.
- LEITE, L. C. M. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 96f, 2002.
- RIBEIRO, DJAMILA. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- STILLMAN, P. G.; JOHNSON, S. A. *Identity, Complicity, and Resistance in The Handmaid's Tale*. *Utopian Studies*, Oxford. v. 5, n. 2, 1994. p. 70-86.
- WOOLF, V. *Um romance não escrito*. In: WOOLF, V. *A marca na parede e outros contos*. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 43-55.
- ŽIVIĆ, J. *A Dystopian Society in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. 2014.

Referência para citação deste artigo

SILVA, A.; GOMES, R.; LINHARES, S. O olhar feminino na série *The Handmaid's Tale* (2017). **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 1, número 1, 249 - 268, fevereiro de 2019.